

Percepção de risco econômico dos agricultores da agricultura familiar em relação à sustentabilidade de seus empreendimentos na região oeste do Paraná

ELISIANE SALZER

UNIOESTE

s_elisiane@yahoo.com.br

EDISON LUIZ LEISMANN

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

elleismann@gmail.com

ELZA HOFER

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

elza_hofer@uol.com.br



PERCEPÇÃO DE RISCO ECONÔMICO DOS AGRICULTORES DA AGRICULTURA FAMILIAR EM RELAÇÃO À SUSTENTABILIDADE DE SEUS EMPREENDIMENTOS NA REGIÃO OESTE DO PARANÁ

Resumo

O risco esta presente no dia a dia das organizações, inclusive na agricultura que tem seu viés relacionado nos riscos econômicos, ambientais, de mercado e produção. Assim, o objetivo da pesquisa é avaliar a percepção de risco de continuidade dos agricultores familiares associados a ACEMPRE, no município de Marechal Cândido Rondon – PR. Os dados foram obtidos a partir de pesquisa realizada diretamente com os associados no período de 23 de junho a 25 de julho de 2017 e foram processados com o software SPSS, a partir de estatística descritiva e cruzamento dos dados. Os resultados mostram que a junção dos agricultores em forma de associação auxilia na comercialização dos produtos orgânicos e em sua totalidade aumentou sua renda com a produção de orgânicos. Conclui-se que a atividade é de suma importância para agregar valor a produção e conseqüentemente manter a família no campo. Com a identificação do risco os produtores ponderam a concorrência com produtos convencionais o principal fator. Quanto a avaliação dos riscos consideram pouca diversidade de produtos orgânicos e a falta de recurso para investimentos. As ações realizadas pelos mesmos, para amenizar os riscos advindos da produção a diversificação é a saída apontada por 48,40% dos produtores.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Agroecologia; Risco da Agricultura.

Abstract

Risk is present in organizations' daily lives, including agriculture that has its related bias in economic, environmental, market and production risks. Thus, the objective of the research is to evaluate the perception of risk of continuity of family farmers associated with ACEMPRE, in the municipality of Marechal Cândido Rondon - PR. The data were obtained from a survey conducted directly with the associates from June 23 to July 25, 2017 and were processed with SPSS software, based on descriptive statistics and data crossing. The results show that the association of farmers in the form of association helps in the marketing of organic products and in its totality increased their income with the production of organic. It is concluded that the activity is of utmost importance to add value to production and consequently to keep the family in the field. With the identification of the risk the producers ponder the competition with conventional products the main factor. Regarding the risk assessment, they consider little diversity of organic products and lack of resources for investments. The actions undertaken by them, to mitigate the risks arising from production, diversification is the output indicated by 48.40% of the producers.

Keywords: Family farming; Agroecology; Agricultural Risk.



1 Introdu3o

A agricultura nos anos 80 foi fomentada pelo governo para uma produ3o em grande escala, implantando pol3ticas p3blicas para alavancar as “commodities”, ou seja, voltadas para os setores mais capitalizados, n3o dando abertura para os pequenos produtores familiares, pela exig3ncia de garantias pelo sistema nacional financeiro, em contrapartida de recursos para financiar suas atividades. (Camarotto, Leismann, Melo, Mioranza, Carvalheiro & Wittmann, 2015).

Por3m, a agricultura familiar tem um alto grau de import3ncia, sendo respons3vel pela metade da produ3o aliment3cia mundial. Alicer3ando que mesmo os empreendimentos sendo pequenos, devem ser gerenciados de forma a atender a demanda mundial de alimentos. (Dogliott, Garc3a, Peluffo, Dieste, Pedemonte, Bacigalupe, Scarlato, Alliaume, Alvarez, Chiappe & Rossing, 2014).

Outro fator, destacado por Santos, Siqueira, Araujo e Maia (2014), 3 que as pr3ticas agroecol3gicas desenvolvidas pelos agricultores familiares podem corroborar para a perman3ncia destas, no campo, tendo um manejo sustent3vel do solo, preserva3o dos recursos naturais e a comercializa3o dos produtos de forma direta.

Mas a produ3o em grande escala, oriunda da agricultura convencional, t3m ocasionado uma grande diferen3a social no 3mbito rural, excluindo os produtores que possuem pequenas propriedades, com pouca efici3ncia e com restri3o3es financeiras. (Redin, 2015).

Em contraponto da agricultura convencional, que de acordo com Alves e Guivant (2010), causa in3meros problemas, como a degrada3o do meio ambiente e elevado custo de produ3o e diminui3o de renda, surge debates sobre qual seria a agricultura desej3vel de forma social, economicamente sustent3vel e preservando o meio ambiente.

Uma solu3o, vislumbrando uma maior competitividade dos agricultores, est3 ligada a agricultura sustent3vel, ou seja, uma produ3o seguindo o trip3 da sustentabilidade, econ3mico, social e ambiental, portanto, ambientalmente sustent3vel, socialmente justa e economicamente vi3vel. (Alves & Guivant, 2010). Para Silva e Leismann (2017), o agroneg3cio passa pela sustentabilidade ambiental em seus aspectos econ3micos, social e ambiental, trazendo retorno financeiro aos agricultores e assim mantendo-os no campo, com melhor qualidade de vida e ainda preservando o meio ambiente.

A produ3o sustent3vel, seguindo a ado3o das pr3ticas agroecol3gicas nas pequenas propriedades e dita por Assis e Romeiro (2005), como sendo um vi3s para redu3o dos riscos econ3micos da atividade agr3cola nas pequenas propriedades.

A potencialidade econ3mica nas pequenas produ3o3es, que se enquadra a agricultura familiar, est3 focada, segundo Wilkinson (2013), a partir de experi3ncias, que se associam a competitividade e crescimento, a um espa3o determinado. Destaca a import3ncia do trabalho em forma de coopera3o, em grupos, considerando como inova3o, para estes produtores, os conhecimentos din3micos interpessoais e de proximidade das propriedades.

A Acempre – Associa3o Central de Produtores Rurais Ecol3gicos surgiu no ano de 1992 a partir de necessidades comuns dos pequenos produtores familiares para comercializa3o e redu3o dos custos voltados para uma produ3o livre de agrot3xicos. Busca constru3o de conhecimentos e experi3ncia de agricultores, voltando para uma produ3o diversificada com a3o3es que promovem o bem-estar das pessoas: econ3mica, cultural, social, pol3tica, ambiental, ou seja, obedecendo aos tr3s pilares da sustentabilidade.

Desta forma, levanta-se o seguinte questionamento: **Dada a evolu3o tecnol3gica e os ganhos de escala na produ3o de alimentos, qual a percep3o de risco de continuidade (Sustentabilidade Econ3mica) dos agricultores familiares associados a ACEMPRE?**



As estrat3gias de trabalho da Acempre s3o com assessorias, apoio a transforma3o e comercializa3o dos produtos para uma melhor competitividade. Assim para responder este questionamento, o objetivo principal da pesquisa 3 avaliar a percep3o de risco de continuidade (Sustentabilidade econ3mica) dos agricultores familiares associados a ACEMPRE. Para alcance do objetivo principal, realizou-se um levantamento dos dados de perfil dos agricultores e de suas propriedades rurais e a percep3o do risco econ3mico dos empreendimentos; avaliar a percep3o de risco para a sustentabilidade econ3mica dos empreendimentos da agricultura familiar, dada a concorr3ncia dos produtos tradicionais; e relacionar a percep3o do risco econ3mico com os dados de perfil dos propriet3rios e com as caracter3sticas de inova3o tecnol3gica das propriedades rurais da agricultura.

Este trabalho justifica-se pela import3ncia que a agricultura familiar representa na produ3o mundial de alimentos, e a concorr3ncia que a atividade encontra frente a agricultura convencional. Assim o estudo pretende demonstrar a percep3o dos produtores quanto ao risco da continuidade destes na atividade agr3cola, de modo a apresentar ganhos te3ricos e pr3ticos nesta 3rea, para perman3ncia dos mesmos no campo, evitando o 3xodo rural.

2 Agricultura Familiar

A agricultura familiar pode ser descrita como a propriedade em que a maioria dos trabalhos 3 realizada por pessoas que mant3m um vinculo familiar, sendo que 40% da produ3o agr3cola s3o oriundos da agricultura familiar, a mesma gera mais de 80% de ocupa3o no setor rural, al3m de ser respons3vel no Brasil de 7 a cada 10 empregos gerados no campo. (CONAB, 2012).

Na mesma linha Savoldi e Cunha (2010), corroboram descrevendo que a agricultura familiar n3o 3 entendida como um trabalho familiar, o que a diferencia da maioria das formas de produ3o 3 o papel da fam3lia como alicerce da organiza3o da reprodu3o social. A forma de explora3o agr3cola familiar conjectura uma unidade de produ3o onde o local e o trabalho est3o ligados 3 fam3lia.

Um modelo agr3cola familiar bem estruturado 3 econ3mica e socialmente eficiente e sens3vel 3s quest3es ambientais, assim podendo se afirmar sua crescente forma sustent3vel e duradoura. (Gehlen, 2004). O autor ressalta ainda as lutas sociais, de imposi3o para que o setor agr3cola familiar desenvolvesse um conceito positivo, pela autoestima crescente, sendo reconhecido pela sociedade.

Para garantir sucesso na atividade agr3cola, o pequeno agricultor familiar deve tratar sua propriedade como um empreendimento, buscando t3cnicas inovadoras para que se mantenham competitivas frente 3 agricultura convencional. O agricultor precisa estar sempre buscando atualiza3o t3cnicas e administrativas e ainda o desenvolvimento de um perfil mais disposto a correr riscos. (Weber, Morgan & Winck, 2016).

O empreendedorismo 3 destacado pelos seus processos inovadores, mas na agricultura familiar o simples fato de tirar leite da vaca e produzir o queijo com o mesmo j3 significa uma inova3o. Mas existem algumas barreiras que prejudicam o agricultor familiar se transformar em um empreendedor, como a aus3ncia de lideran3a, o baixo estudo e o costume de preservar a produ3o n3o buscando inova3o. (Tomei & Souza, 2014).

Uma das formas de buscar esta inova3o na agricultura familiar 3 o cultivo de produtos org3nicos, caracterizada como uma produ3o contr3ria dos alimentos tradicionais, visando 3 redu3o dos danos ambientais, uma melhor qualidade de vida e uma alimenta3o mais saud3vel. (Neto, Denuzi, Rinaldi & Staduto, 2010).



2.1 Inovação Tecnológica na Agricultura

A necessidade de inovar constantemente na era da globalização em que vivemos, também atinge a atividade agrícola. A tecnologia não deve ser apenas analisada no processo e produto, mas a capacitação gerencial para enfrentar mudanças sociais e econômicas. (Lima, 2005).

O principal responsável pelas inovações e também administrador das mudanças, para atingir o desenvolvimento sustentável, no âmbito da agricultura familiar é o produtor. (Weber, Morgan & Winck, 2016).

A inovação sustentável considera os aspectos naturais agregados à responsabilidade socioambiental, refletindo na concorrência comercial, onde a competitividade está interligada a novos produtos com abrangência ambiental, social e econômica. (Damasceno, Aquino, Vasconcelo, Reis & Barcelos, 2011).

Neste sentido a tecnologia e o desenvolvimento sustentável têm relação direta com a exploração de recursos naturais. No início da modernização da agricultura surgiram vários questionamentos relativos à conservação do solo, com problemas da erosão e as doses crescentes de adubos colocados na terra para aumentar a produção. Para amenizar estes problemas foram introduzidas técnicas de adubação verde com objetivo de melhorar e preservar a fertilidade do solo. Surge então a produção agroecológica que o pequeno agricultor vê como possibilidade de agregar valor à produção e ter diversificação na produção. (Savoldi & Cunha, 2010).

A agricultura familiar com base na produção orgânica e a agricultura convencional têm modos diferentes de lidar com as tecnologias e inovações. A agricultura convencional esta intrinsecamente relacionada a uma produção com uso intenso de agrotóxicos, compostos químicos para controle de pragas, uso de sementes geneticamente modificadas e uso de maquinários. Enquanto a agricultura orgânica ou familiar, não utiliza pesticida, tem a rotação de culturas, e compensa a ausência de equipamentos com a inovação dos processos produtivos e a adoção de novos métodos organizacionais e de comercialização de seus produtos. (Arantes, 2014).

Cardoso, Cauchick Miguel e Casarotto Filho (2015), corroboram ressaltando que a inovação agrícola passa pelos fundamentos da sustentabilidade, como a definição de critérios para o uso de fertilizantes, aumento da produtividade e melhora do produto, redução de custos, produção orgânica e incentivo à autonomia da produção familiar com panorama de melhoria da qualidade de vida e da renda. Portanto, a inovação é aplicada tanto nas questões da produtividade quanto nas relações do homem com a terra, e do desenvolvimento sustentável.

2.2 Competitividade, Risco e Concorrência

O trabalho moderno exige qualificação constante, já na agricultura familiar quanto mais moderno, mais complexa a qualificação tendo que deixar de lado os saberes tradicionais e se adaptar a outros conhecimentos mais técnicos. Esta mudança de paradigmas põem em risco as condições de reprodutibilidade econômica, social e cultural dos pequenos produtores familiares (Gehlen, 2004). O autor destaca ainda que essa mudança das técnicas utilizadas referencia-se na competitividade, tanto entre os agricultores modernizados e/ou os em transição, quanto entre os produtores tradicionais.

A competitividade na agricultura não está apenas ligada a produção e da produtividade, está intrinsecamente relacionada com as características exigidas pelos consumidores na hora da compra. (Sepulcri, 2011).



Cardoso (2016) faz uma comparação entre a agricultura convencional e a agroecologia. Para ele a convencional prejudica o futuro, causando riscos ambientais e contribui para a desigualdade social, sempre na busca do lucro máximo no menor tempo, já a agroecologia visa a sustentabilidade, não tem o objetivo de produção intensa de alimentos, mas a de cultivar os alimentos.

A definição de risco é apresentada na norma ISO: 31.000 (2011), como sendo o efeito que as incertezas têm sobre os objetivos da organização. Sendo que efeito é um desvio em relação ao esperado e os objetivos podem ter diferentes aspectos, podendo ser financeiras, saúde, segurança ou ambiental.

Ainda na ISO, é apresentado que o risco deve ser identificado, verificando qual a possibilidade de ocorrência do mesmo, após deve ser analisado, para verificar qual a possibilidade e impacto do risco acontecer e por final deve ser feita a avaliação analisando se existem ações que possam ser feitas para combater o risco.

São diversos os tipos de riscos que uma organização pode incorrer, visto que o mesmo está presente em qualquer tipo ou modelo de organização, podendo ser, risco de crédito, risco legal, risco de mercado, risco operacional, risco estratégico, risco de liquidez e risco ambiental. (Klann, Kreuzberg & Beck, 2014).

Os riscos estão presentes no nosso dia a dia das organizações. Na agricultura os riscos estão relacionados à produção, mercado, pessoal e financeiro. (Sepulcri, 2011 e Lima, 2005). Lima (2005) corrobora ainda destacando há existência de um risco específico da atividade agrícola, a perda da produção ocasionada pelo clima. Ressalta ainda que os produtores orgânicos tem um risco adicional pela contaminação da produção com agrotóxicos usados nas propriedades vizinhas.

A seca, cada vez mais frequente e duradoura com as mudanças climáticas, pode ser responsável por grandes impactos socioeconômicos no mundo, fazendo-se necessário uma boa gestão de risco, por parte dos agricultores, para amenizar as perdas. (Costa, Holanda & Ambrona, 2016).

O risco da produção está relacionado às condições climáticas, com surgimento de pragas ou ainda com mudanças tecnológicas. O risco de mercado pode ser caracterizado pela oscilação do preço do produto no mercado e com a relação do agricultor com os fornecedores e clientes. O risco humano ou pessoas está relacionado com a doença ou invalidez do produtor ocasionado pelo trabalho na atividade agrícola e ainda desavenças familiares que ocasionem a quebra do contrato de trabalho. E o risco relacionado ao setor financeiro ocorre com a variação das taxas de juro, perdas financeiras e falta de liquidez. (Sepulcri, 2011 e Lima 2005).

O risco econômico das pequenas propriedades tem redução quando estes tem sua produção voltada às práticas agroecológicas. Com foco da sustentabilidade a agroecologia tem a diversificação da produção, trazendo ao pequeno agricultor a vantagem de estabilidade na renda durante o ano, reduzindo as perdas com a sazonalidade, dando mais segurança, pois reduz risco de diminuir a renda se uma das culturas não atingir o patamar esperado devido a ocorrências climáticas ou até mesmo de pragas. (Neto *et al.*, 2010).

Estratégias complementares para administrar os riscos da atividade, além da diversificação da produção seguindo orientações técnicas, de acordo com Atamanczuk e Gasparelo (2015), são as reservas financeiras e contratos de venda da produção para assegurar a inserção do produto no mercado.

Neto *et al.* (2010) destaca ainda que a agricultura familiar renovada é uma nova estratégia de mercado para amenizar riscos, demandando uma transformação de produtores tradicionais e ainda a pesquisa de novas práticas ecológicas e sustentável, na medida em que o consumidor se torne fiel e exigente a este produto.



2.3 Sustentabilidade

O desenvolvimento sustentável tem seu conceito inicial nos anos 1980, durante a Comissão de Brundtland, sendo definido como o modo que a sociedade satisfaz suas necessidades sem comprometer as gerações futuras. Emergindo, a partir deste momento, na sociedade um nível de preocupação maior com o uso racional dos recursos naturais. (Scharf, 2004)

Em 1990 um novo posicionamento em torno do desenvolvimento sustentável ou sustentabilidade foi elaborado pelo John Elkington, concluindo que além do aspecto ambiental, deveriam ser abordados também o econômico e social. Desta maneira, este novo conceito foi denominado “*triple bottomline*” ou tripé da sustentabilidade, no qual os três pilares alicerçam o conceito principal. O pilar econômico identifica o objetivo principal de uma organização que visa o lucro, o pilar social, remete aos benefícios de cunho social proporcionados pelas organizações e o último, relacionado a questão ambiental, está ligado a relação da empresa com o meio ambiente, onde os recursos demandados pela atividade devem estar em consonância com o conceito inicial de desenvolvimento sustentável (Boff, 2014).

Os três aspectos abordados, de acordo com Estender e Pitta, (2008), devem ser vistos em conjunto para que a sustentabilidade ocorra de forma efetiva, pois ao atender as três dimensões a organização consegue atingir a sustentabilidade englobando todos seus aspectos.

A agricultura tem relação direta com o desenvolvimento sustentável, pois, associa-se com o uso de recursos naturais. O uso inadequado do meio ambiente, para produção em grande escala afeta os recursos naturais, por isso é de suma importância alcançar a sustentabilidade na agricultura, buscando as três dimensões de sustentabilidade sendo um sistema agrícola economicamente viável, socialmente justo e ecologicamente sustentável. (Santos & Cândido, 2013).

O desenvolvimento rural sustentável está integrado à agricultura sustentável, e pode ser estabelecida como um método de mudança no sistema de produção rural. A agricultura sustentável abrange várias áreas rurais, como o crescimento econômico, melhor condições sociais, permanência no campo de valores naturais e culturais, além de envolver o trabalho, tecnologia, saberes, políticas, ou seja, diversas áreas da vida do campo. (Alves & Guivant, 2010).

A agroecologia é definida por Capotal e Costabeber (2009), como uma ciência para o futuro sustentável. Os autores ressaltam que tem como princípio a mudança gradual nas formas de manuseio dos agroecossistemas, de uma agricultura vinda de modelo agroquímico de produção, para uma agricultura que insira princípios e técnicas de base ecológicas. Como estas mudanças referem-se a um processo social, dependendo de intervenção do homem, a transição agroecológica não provoca somente uma maior racionalização econômica-produtiva, mas também numa mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação a conservação dos recursos naturais.

No que tange a sustentabilidade econômica de seus investimentos, os produtores estão utilizando mecanismos de gerenciamento dos recursos financeiros de forma preventiva. Uma forma encontrada para amenizar possíveis perdas, e não afetar o lado financeiro é a contratação de seguros agrícolas. Outro fator importante é diversificação dos produtos que está integrada na produção sustentável agroecológica, pois se um produto apresentar quebra de safra terá outros para amenizar o setor financeiro. (Atamanczuk & Gasparelo, 2015).

A produção agroecológica não oferece uma teoria formada sobre desenvolvimento rural e tão pouco sobre métodos do conhecimento técnico. Mas busca através de conhecimentos e experiências acumulados pelos produtores, ou em ações participativas, um método para contribuir na transformação social necessária, para gerar padrões de produção e um consumo sustentável. (Capotal & Costabeber, 2009).



2.4 Associativismo

O desenvolvimento sustentável voltado a agroecologia usa como técnica primordial o associativismo. Um exemplo da força do associativismo está demonstrado no trabalho do CAB - Cultivando Água Boa (2016), realizado em conjunto com a Itaipu Binacional que tem como pilar o associativismo. O CAB viabiliza parcerias entre os produtores e diversas associações de produtores que vão de produtos orgânicos, familiares e apicultores. Destacam a importância desta parceria, pois antes os agricultores dependiam de terceiros para vender seus produtos o que reduzia sua renda.

Para Rodrigues (2005), a união dos pequenos produtores orgânicos em forma de cooperativa traz inúmeros benefícios quando bem estruturada, pois passa a ter maior volume e diversificação dos produtos.

O associativismo desempenha um papel importante na agricultura, devido as dificuldades encontradas pelo produtor, tanto no próprio sistema agrícola, como por falta de incentivos por parte do setor público. O cooperativismo é uma forma de economia solidária, em que os produtores ou associados compram e vendem em conjunto, a fim de unir forças na busca de benefícios com a redução de custos e maior participação no mercado. (Santos & Cândido, 2013).

O ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (2016), elenca que a mudança da participação individual para a participação em associações fomenta a capacidade produtiva e comercial de todo o grupo, melhorando a viabilidade da atividade rural e melhorando o retorno financeiro. Enfatiza ainda a vantagem com o compartilhamento de experiências, bem como do custo da assistência técnica, do veterinário e de capacitações profissionais.

A união dos agricultores em associações de acordo com Santos e Cândido (2013), fortalece a estrutura do mercado e no caso dos produtores agroecológicos, disponibiliza a participação em feiras e ainda ao programa criado pelo governo federal o PPA – Programa de Aquisição de Alimentos, que obriga as escolas públicas a inserir em suas compras para a merenda escolar, em pelo menos 30%, de produtos orgânicos oriundas de produtores familiares de cada município.

3 Metodologia

Com o objetivo de avaliar a percepção de risco econômico dos agricultores da agricultura familiar em relação à continuidade de seus empreendimentos, realizou-se pesquisa com os agricultores familiares associados a ACEMPRE, de modo a levantar os dados de perfil dos agricultores e de suas propriedades rurais e a percepção do risco econômico dos empreendimentos; avaliar a percepção de risco para a sustentabilidade econômica dos empreendimentos da agricultura familiar, dada a concorrência dos produtores tradicionais e relacionar a percepção do risco econômico com os dados de perfil dos proprietários e com as características de inovação tecnológica das propriedades rurais da agricultura familiar.

Este estudo trata-se de um método quantitativo, onde se selecionou a ACEMPRE- Associação Central dos Produtores Rurais Ecológicos, que tem sua unidade de atendimento no município de Marechal Cândido Rondon – PR, e conta como a parceira no que tange a assistência técnica o CAPA – Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia. Atualmente a associação ACEMPRE, conta com 38 (trinta e oito) famílias de produtores, com cadastro ativo, que realizam a comercialização dos produtos com a associação e também participam do programa PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), onde comercializam a produção agroecológica com órgãos governamentais (Prefeitura).

A coleta de dados foi através de aplicação de questionários, onde se levantou os dados do perfil do agricultor e da propriedade, a percepção frente aos riscos econômicos dada a



concorrência com os produtos convencionais. O questionário continha 16 questões fechadas, sendo que o objetivo do mesmo foi avaliar a percepção de risco de continuidade (sustentabilidade econômica) dos agricultores associados a ACEMPRE.

A unidade integrante da pesquisa possui 38 (trinta e oito) associados sendo aplicado o questionário em sua totalidade de associados, entre os dias 23 de junho e 25 de julho, sendo que 31 (trinta e um) questionários retornaram respondidos, ou seja, 81,58% de retorno, permitindo assim um nível de confiança de 68,26% e uma margem de 4% de erro.

Os dados da pesquisa foram processados usando o programa Statistical Package for the Social Sciences – SPSS. Posteriormente os resultados são apresentados por meio de gráficos e analisados mediante o emprego da estatística descritiva.

4 Análise dos resultados

Neste item são apresentados os resultados, análises e discussão dos dados coletados nesta pesquisa. A segmentação por gênero demonstrou que 61,30% são do sexo feminino e 38,70% são do sexo masculino. Quanto à idade, a maioria dos respondentes está na faixa etária de 41 a 60 anos, ou seja, 45,20%, entre 25 a 40 anos e acima de 60 anos possuem a mesma quantidade de respondentes, 25,80% e apenas 3,2% respondente possui até 25 anos.

Os dados levantados na pesquisa demonstram que o nível de escolaridade de 61,30% dos respondentes é o ensino fundamental completo ou incompleto, 19,40% possuem o ensino médio completo ou incompleto e 9,70% dos respondentes possuem ensino superior completo ou incompleto e o mesmo percentual possui pós-graduação completo ou incompleto. Estes dados demonstram que 19,40% dos respondentes iniciaram um curso superior e 9,7% deles concluíram e ainda iniciaram uma pós-graduação, o que demonstra que nos dias atuais a busca de conhecimento esta presente nas pequenas famílias da agricultura orgânica. Por outro lado, a grande maioria (80%) dos agricultores, já fora da idade normal de estudo, tem formação até ensino médio, sendo 61,30% com apenas o ensino fundamental, o que implica em dificuldades de absorção de inovação tecnológica neste setor.

A atividade na produção agrícola orgânica, é desenvolvida por 41,9% dos respondentes a menos de 5 anos, portanto, a atividade é recente. O inverso é apresentado no que tange que 32,30% dos respondentes estão na atividade a mais de 20 anos, sendo que 16,10% respondentes estão entre 6 a 10 anos na atividade e 9,7% estão de 11 a 20 anos. Estes dados demonstram a importância da atividade orgânica familiar, pois 42,00% dos produtores estão na atividade acima de 11 anos e seguindo a mesma linha provavelmente pelo sucesso visto pelos agricultores mais experientes na área, 41,9% dos produtores iniciaram na atividade a menos de 5 anos.

O tempo em que os agricultores desenvolvem a atividade agrícola comparado com o gênero do respondente esta apresentado na Tabela 1.

Tabela 1

Comparação entre o tempo que desempenha a atividade e o Gênero do respondente

		a) Gênero do Respondente		
		Masculino	Feminino	Total
d) Há quanto tempo você desempenha esta atividade	Até 5 anos	25,0%	52,6%	41,9%
	De 6 a 10 Anos	16,7%	15,8%	16,1%
	De 11 a 20 Anos	8,3%	10,5%	9,7%
	Acima de 20 Anos	50,0%	21,1%	32,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)



Com os dados da Tabela 1 percebe-se que 50% dos homens estão na atividade a mais de 20 anos, enquanto o inverso acontece com as mulheres respondentes da pesquisa, sendo que 52,60% delas está na atividade a até de 5 anos. Percebe-se que o maior número de respondentes esta na atividade à até 5 anos, demonstrando a importância que a atividade agrícola orgânica familiar representa na economia e permanência das famílias no campo.

Porém o que se observa nos dias atuais é que a quantidade de integrantes, filhos que auxiliam na atividade não é tão grande quanto antigamente, sendo que 83,90% dos respondentes dizem ter até 2 filhos. Sendo que 12,9% destacam ter de 3 a 5 filhos/enteados e apenas 3,20% dos respondentes têm mais de 5 filhos/enteados morando na propriedade. Os dados do tamanho da propriedade justificam o termo “pequenas propriedades”, pois 51,60% dos respondentes possuem até um Ha de terra destinado à produção orgânica, 32,30% possuem de 3 a 5 Ha, enquanto 16,10% possuem acima de 5 Ha.

Frente às dificuldades encontradas pelos produtores na produção de produtos orgânicos 48,40% dos respondentes consideram a contaminação da produção como o fato “dificultador”. Para 19,40% dos agricultores o fator de dificuldade está na conversão da propriedade da atividade convencional para a orgânica, enquanto a falta de apoio por parte do governo é considerado por 16,10%. Quanto considerar a produtividade ser menor como dificuldade para a produção de orgânicos, esta é apresentada por apenas 3,20% dos respondentes, enquanto 12,90% destacaram a dificuldade serem outras além das apresentadas na pesquisa.

Verificando as dificuldades encontradas pelos agricultores e o gênero do respondente, 41,70% dos homens responderam que a principal dificuldade está na contaminação da produção por vizinhos, para as mulheres a dificuldade está no mesmo quesito apresentando 52,60% das respostas. Quanto a conversão da propriedade de produção convencional para produção orgânica é destacada como dificuldade para 26,30% das mulheres e 8,30% dos homens. A falta de apoio é mencionada por 21,10% das mulheres e 8,30% dos homens. Os dados estão expostos na Tabela 1 abaixo.

Tabela 2

Comparação do Gênero do respondente e a dificuldade encontrada para produção orgânica.

		a) Gênero do Respondente		
		Masculino	Feminino	Total
G. Qual a maior dificuldade encontrada para produção de orgânicos.	Contaminação da Produção	41,7%	52,6%	48,4%
	Conversão da Propriedade	8,3%	26,3%	19,4%
	Menos produtividade	8,3%	0,0%	3,2%
	Falta de Apoio	8,3%	21,1%	16,1%
	Outros	33,3%	0,0%	12,9%
Total		100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

A menor produtividade é vista apenas por 8,30% dos homens e não foi destacado pelas mulheres, o que destaca que este fator não é tão significativo, sendo que a contaminação da produção por vizinhos é evidenciada tanto pelos homens quanto pelas mulheres o que confirma a importância do cuidado para que a produção não seja contaminada com agrotóxicos da produção convencional.

Apesar das dificuldades para a produção de produtos orgânicos, a mesma é realizada pelos agricultores, sendo que a principal justificativa para tal escolha, pela maioria, é a melhora na saúde da família com 61,30% das respostas. Outro fator levantado é a questão dos



produtos agregarem valor ao produto, que 32,30% dos agricultores destacam ser o principal motivo pela escolha da producao organica e apenas 6,50% dos agricultores dizem ter trocado a agricultura convencional pela organica por terem se intoxicado na producao convencional.

Comparando o principal motivo para a producao ser de forma organica com a faixa etaria dos produtores a melhora na saude e destacada por 100% dos produtores com ate 25 anos e tambem os com acima de 60 anos, e ainda por 50,00% dos agricultores na faixa etaria de 41 a 60 anos e 37,50% de 26 a 40 anos. Outro motivo destacado e quanto ao produto organico agregar valor ao produto, sendo que 50% dos respondentes na faixa de 26 a 40 anos destacaram este beneficio e 42,90% dos agricultores entre 41 a 60 anos. O fator intoxicacao foi mencionado por 12,50% dos respondentes entre 26 a 40 anos e 7,10% na faixa de 41 a 60 anos, como demonstra a Tabela 3 abaixo.

Tabela 3

Comparacao da justificativa da producao organica e a faixa etaria do respondente

		b) Faixa Etaria do respondente				
		Até 25	De 26 a 40	De 41 a 60	Acima de 60	Total
		Anos	Anos	Anos	Anos	
H. Qual o principal motivo para a producao ser de forma organica.	Agregar Valor	0,0%	50,0%	42,9%	0,0%	32,3%
	Melhorar a saude	100,0%	37,5%	50,0%	100,0%	61,3%
	Por intoxicacao	0,0%	12,5%	7,1%	0,0%	6,5%
	Outros	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Os dados apresentados na Tabela 3 destacam que a melhora com a saude esta presente em todas as faixas etarias, sendo ainda a justificativa para producao ser organica de todos os respondentes que estao na faixa etaria de ate 25 anos e para todos acima de 60 anos, mostrando a importancia para uma alimentacao saudavel.

A agregacao do valor na producao organica, apresentado como justificativa para escolha da producao organica, e comprovada quando os produtores destacam que a renda da familia aumentou com a producao organica, sendo que a totalidade de agricultores, ou seja, 100% destacaram que sim, que houve aumento da receita apos a producao ser organica.

Um dos fatores que auxilia no aumento da renda seria a certificacao de producao organica, por em, apenas 22,60% dos agricultores possuem a certificacao, sendo que a principal dificuldade para conseguir a certificacao e destacada por 16,10%, como sendo a contaminacao da producao por vizinhos, visto que na producao convencional sao utilizados produtos quimicos, agrototoxicos, que nao sao permitidos na producao organica, portando quando os mesmos sao utilizados nas propriedades vizinhas, o vento pode acabar levando para a producao organica.

Para levantamento dos riscos encontrados na producao no que diz respeito a economia, foi questionado aos agricultores qual o risco economico e considerado mais importante pelos mesmos, sendo que, a maioria, 54,80% dos agricultores considera que a concorrncia com produtos convencionais e o principal risco economico, visto que a producao convencional e maior que a producao organica e ainda para combate as pragas os mesmos nao podem utilizar agrototoxicos o que muitas vezes afeta a quantidade produzida. Outro fator apresentado e o valor ser abaixo do preo esperado, com 32,30% das respostas, uma das possibilidades para esta alternativa e pela producao ser entregue para uma associacao e nao direto para o consumidor final. A dificuldade na comercializacao e destacada por apenas 6,50% dos produtores, o que poder ser tambem justificada por terem sua producao com destinacao certa,



a associacao, o mesmo percentual de 6,50% responderam que seria outros os riscos encontrados na producao.

Os dados analisando o tempo de atividade na producao organica, com o fator que consideram relevantes frente ao risco economico da producao organica sao apresentados na Tabela 4.

Tabela 4

Comparacao do tempo na atividade e o fator de risco economico na producao

		d) Há quanto tempo você desempenha esta atividade				
		Até 5 anos	De 6 a 10 Anos	De 11 a 20 Anos	Acima de 20 Anos	Total
L. Quanto ao risco econômico, qual considera mais relevante.	Dificuldades na Comercialização	0,0%	40,0%	0,0%	0,0%	6,5%
	Preço abaixo do esperado	15,4%	20,0%	0,0%	70,0%	32,3%
	Concorrência com produtos convencionais	69,2%	40,0%	100,0%	30,0%	54,8%
	Outros	15,4%	0,0%	0,0%	0,0%	6,5%
		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

O fator de risco econômico em comparação com o tempo que desenvolve a atividade de produção orgânica, como demonstrado na Tabela 4, os agricultores com até 5 anos no cultivo de orgânicos consideram o risco eminente a concorrência com produtos convencionais o fator primordial, com 69,20% das respostas, destacando ainda 15,40% para o preço abaixo do esperado. Para os que desenvolvem a atividade entre 6 a 10 anos consideram 40,00% tanto para a dificuldade na comercialização como para concorrência com produtos convencionais e ainda 20,00% para o preço abaixo do esperado. Os agricultores que estão na atividade de 11 a 20 anos, 100,00% destacam o risco sendo a concorrência com produtos convencionais. Para os produtores que desenvolvem a atividade a mais de 20 anos o principal risco econômico refere-se com 70,00% das respostas, o preço abaixo no esperado e ainda 30,00% para concorrência.

Percebe-se que a concorrência com os produtos convencionais é considerada o ponto forte, indiferente do tempo que os agricultores desenvolvem a atividade. O preço abaixo do esperado está mais presente entre os agricultores que estão a mais tempo na atividade, um dos fatores pode ser pela venda ser direcionada a uma associação e não direto ao consumidor final, porém, como já mencionado, todos os produtores destacam que tiveram aumento na renda com a produção orgânica.

Como limitador do crescimento da produção de produtos orgânicos, 38,70% dos agricultores afirmam que a pouca diversidade de alimentos orgânicos é o principal limitador, para 29,00% o principal motivo é poucas campanhas promocionais de produtos orgânicos, a falta de regularidade na oferta de alimentos orgânicos é destacada por 22,60%, produtores, 1 produtor mencionou a redução no mercado para expor o produto orgânico, enquanto 6,50%, responderam as limitações serem outras.

Na Tabela 5 faz-se uma comparação entre os quesitos limitadores para o crescimento da produção orgânica e o grau de instrução dos respondentes.



Tabela 5

Comparação entre os quesitos limitadores do crescimento da produção e o grau de instrução

		C. Nível de Formação				
		Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Pós-graduação	Total
M. Qual o principal fator considera limitador para o crescimento da demanda de produtos orgânicos?	Falta de Regularidade na oferta	26,3%	16,7%	0,0%	33,3%	22,60%
	Pouca diversidade de orgânicos disponíveis	36,8%	33,3%	33,3%	66,7%	38,70%
	Falta de campanhas promocionais	36,8%	0,0%	66,7%	0,0%	29,00%
	Falta de espaço para expor no supermercado	0,0%	16,7%	0,0%	0,0%	3,20%
	Outros	0,0%	33,3%	0,0%	0,0%	6,50%
Total		100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,0%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

Os limitadores para o crescimento da produção orgânica em comparação com o grau de instrução dos agricultores, como apresentado na Tabela 5, demonstram que independente do grau de instrução, todos consideram a pouca diversidade de produtos orgânicos disponíveis como um fator preocupante, sendo que para os agricultores que possuem pós-graduação, incompleto ou completo, é o primordial motivo com 66,70%. Para os que cursaram o ensino superior concluindo ou não, o principal motivo com 66,70% é a falta de campanhas promocionais de produtos orgânicos. Os agricultores com ensino médio completo ou incompleto houve uma variação entre as respostas, sendo que 33,30% consideraram a pouca diversidade como primordial, e ainda 16,70% responderam a falta de regularidade e o mesmo percentual a falta de espaço para expor no supermercado. Os produtores que cursaram apenas o ensino fundamental as questões limitadoras também variam sendo que 36,80 consideram a pouca diversidade e também a falta de campanhas e 26,30% a falta de regularidade.

As desvantagens para continuidade na produção orgânica são destacadas por 32,30% dos agricultores como sendo a quantidade da produção ser menor que na produção convencional, o mesmo percentual, 32,30%, considera a falta de recursos para investimentos a principal desvantagem para seguir na atividade, enquanto 6,50% dos produtores, afirmam ser a dificuldade para conseguir a certificação de produção orgânica. O fato da dificuldade da certificação ser apresentada apenas por 6,50% agricultores, pode ser justificada pelo fato dos mesmos destinarem grande parte da produção para a merenda escolar, que não obriga a certificação, sendo necessário apenas ser de produção familiar. Outros 6,50% consideram serem outras as desvantagens.

Para amenizar os riscos que estão presentes na produção, verificou-se se os agricultores realizam algumas gestões na propriedade, sendo que 48,40% deles destacam a diversificação como principal atividade realizada para amenizar as perdas, este fator se justifica por serem propriedades com produção orgânica. Outro ponto destacado foi à contratação de seguro agrícola, utilizado por 22,60% dos produtores, enquanto a irrigação e casos de seca prolongada, destacada por 16,10% dos produtores. Os produtores que afirmam ter uma reserva financeira para ser utilizada em casos de perda, são apenas 9,70%, e ainda 3,20% dos produtores não optou por nenhuma das alternativas apresentadas.

Para comparar a gestão de risco realizada nas propriedades com a faixa etária dos agricultores, elaborou-se a Tabela 6.



Tabela 6

Comparação entre gestão de risco desenvolvida e faixa etária dos agricultores.

		b) Faixa Etária do respondente				
		Até 25 anos	De 26 a 40 anos	De 41 a 60 anos	Acima de 60 anos	Total
O. Qual o principal tipo de gestão de risco na propriedade para evitar perdas econômicas	Seguro agrícola da produção	0,0%	25,0%	28,6%	12,5%	22,60%
	Reservas financeiras	0,0%	0,0%	7,1%	25,0%	9,70%
	Diversificação da produção	100,0%	25,0%	57,1%	50,0%	48,40%
	Irrigação em casos de seca	0,0%	37,5%	7,1%	12,5%	16,10%
	Contratos de venda garantida	0,0%	12,5%	0,0%	0,0%	3,20%
	Outros	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,00%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

A gestão de risco realizada pelos agricultores, comparada com a faixa etária dos mesmos, como demonstrado na Tabela 6, mostra que apenas os agricultores acima de 41 anos reservam parte da renda para possíveis perdas na produção, e ainda assim um número baixo de produtores. A diversificação na produção é realizada por todos indiferente da faixa etária.

Os avanços tecnológicos, como os maquinários e ferramentas são considerados por 64,50% dos agricultores como auxiliares na melhoria da produtividade da produção orgânica e melhorando a competitividade, 29,00% dos produtores destacam não saber se estas tecnologias realmente auxiliam, enquanto 6,50% consideram ser indiferentes para melhoria na produção.

5 Considerações finais

Como objetivo deste estudo foi proposto em avaliar a percepção dos agricultores frente ao risco de continuidade da produção. Sendo verificada a percepção frente a risco econômico, sustentável e frente aos produtos convencionais.

Foram levantados dados através de aplicação de questionário e após análise dos dados verificarem qual a percepção de risco de continuidade na propriedade. Respondendo o questionamento da pesquisa, de qual a percepção de risco de continuidade da produção dos agricultores familiares, conseguimos evidenciar que a produção orgânica é de suma importância para a continuidade das famílias na atividade rural, pois 100% dos agricultores destacaram que tiveram aumento na renda com a comercialização de produtos orgânicos.

Analisando os riscos, seguindo os passos descritos na ISO: 31.000 (2011), ou seja, a identificação, com posterior análise e finalizando com a avaliação de possíveis ações a serem realizadas para ameniza-los, é possível dizer que como identificação do risco os produtores ponderam a concorrência com produtos convencionais o principal fator. Quanto a avaliação dos riscos consideram pouca diversidade de produtos orgânicos e a falta de recurso para investimentos.

Após a identificação e análise dos possíveis riscos existentes, os produtores destacam que as ações realizadas para amenizas os riscos advindos da produção é a diversificação, sendo apontada por 48,40% dos produtores.



Fazendo a comparaç3o da gest3o dos riscos desenvolvidas na propriedade e a faixa et3ria, levantou-se que apenas os agricultores com idade acima de 41 anos possui reserva financeira no caso de acontecer algo inesperado com a produç3o e ocorrer a perda da mesma.

Outro fator importante, a comercializaç3o atrav3s de associaç3o, que auxilia na destinaç3o da produç3o, visto que, apesar dos agricultores afirmarem que o valor recebido 3 menor do que o esperado, 100% dos respondentes destacaram que a renda aumentou com a produç3o org3nica e ainda agrega valor ao produto.

Os preç3os recebidos serem abaixo do esperado representa um risco econ3mico para 70,00% dos agricultores que est3o na atividade a mais de 20 anos, j3 para os produtores que est3o na atividade de 11 a 20 anos o risco primordial 3 a concorr3ncia com os produtos convencionais, destacado por 100,00% dos respondentes.

Como limitaç3o da pesquisa destaca-se a coleta dos dados ter sido realizada apenas com associados de uma associaç3o de produtores org3nicos. Portanto para estudos futuros, visto a import3ncia do tema, pelo fato de os produtos org3nicos agregarem valor a produç3o e conseqüentemente aumentar a renda das fam3lias, assim permitindo a perman3ncia dos agricultores no campo, 3 abranger a pesquisa com demais produtores, ou ainda em outra associaç3o para realizar uma comparaç3o entre a percepç3o dos dois grupos.

REFER3NCIAS

- Atamanczuk, M. J., & Gasparelo, E. P. (2015). Gest3o de Risco na Produç3o Agr3cola: uma an3lise a partir de benefici3rios do Proagro. Congresso Internacional de Administraç3o. Ponta Grossa – PR.
- Alves, A. F., & Guivant, J. S. (2010). Redes e Interconex3es: desafios para a construç3o da agricultura sustent3vel DOI: 10.5007/1807-1384.2010 v7n1p1. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 7(1), 1-27.
- Arantes, J.T. (2014). Pesquisa investiga inovaç3o tecnol3gica na agricultura org3nica. Ag3ncia Fapesp. Dispon3vel em: http://agencia.fapesp.br/pesquisa_investiga_inovacao_tecnologica_na_agricultura_organica/18486/. Acesso em 16 jun. 2017.
- Assis, R. L. D., & Romeiro, A. R. (2005). Agroecologia e agricultura familiar na regi3o centro-sul do estado do Paran3. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 43(1), 155-177.
- Boff, L. (2014). Sustentabilidade: o que 3: o que n3o 3. Petr3polis: vozes.
- Camarotto, M. R., Leismann, E. L., Melo, C. O., Mioranza, C., Carvalheiro, E. M. (2015). Family agriculture and pornaf costing: (un) equal distribution in the brazilian rural area. *Business and Management Review*, ISSN: 2047 - 0398.
- Caporal, F. R.Org. (2009). Extens3o rural e agroecologia: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necess3rio e poss3vel. Bras3lia – DF, 398 p. : il..
- Cardoso, J. D. F., Cauchick Miguel, P. A., & Casarotto Filho, N. (2015). INOVAÇ3O NA AGRICULTURA BRASILEIRA: UMA AN3LISE DA LITERATURA. *GEINTEC-Gest3o, Inovaç3o e Tecnologias*, 5(4), 2495-2510.
- Cardoso, N. (2016). O recado da terra. *Jornal do centro de apoio e promoç3o da agroecologia*. Ano XX, n3 42.
- CONAB. A import3ncia da agricultura familiar no desenvolvimento dos munic3pios. *Revista Agropecu3ria*. Dispon3vel em: <http://www.revistaagropecuaria.com.br/2012/10/26/a->



- importancia-da-agricultura-familiar-no-desenvolvimento-dos-municipios/. Acesso em 01 jun. 2017.
- Costa, C. G. F., Holanda, A. K. C., & Díaz-Ambrona, C. G. H. (2016). RIESGO, INNOVACIÓN Y DESARROLLO EN UN CLIMA CAMBIANTE: EL PAPEL DE LAS POLÍTICAS DE PREPARACIÓN PARA SEQUÍAS Y GESTIÓN DE RIESGO DESASTRES EN CEARÁ, BRASIL. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 5(3), 87.
- da Silva, C. R. R., & Leismann, E. L. (2017). Análise da percepção dos envolvidos sobre a sustentabilidade ambiental da soja no Oeste do Paraná. *Revista Competitividade e Sustentabilidade*, 3(1), 1-10.
- Damasceno, S. M. B., de Aquino, D. S., Vasconcelos, P. H., dos Reis, D. R., & Barcelos, A. D. (2011). Sustentabilidade no foco da inovação. *Revista Gestão Industrial*, 7(3).
- Dogliotti, S., García, M. C., Peluffo, S., Dieste, J. P., Pedemonte, A. J., Bacigalupe, G., Scarlato, m., Alliaume F., Alvarez J., Chiappe M & Rossing, W. A. H. (2014). Co-innovation of family farm systems: A systems approach to sustainable agriculture. *Agricultural Systems*, 126, 76-86.
- Estender, A. C., & Pitta, T. D. T. M. (2008). O conceito do desenvolvimento sustentável. *Revista Terceiro Setor & Gestão-UnG*, 2(1), 22-28.
- Gehlen, I. (2004). Políticas públicas e desenvolvimento social rural. São Paulo em Perspectiva, Vol. 18 nº 2.
- ISO, N. T. C. N. 3100. (2011). *Gestión del Riesgo, Principios y Directrices*.
- Klann, R. C., Kreuzberg, F., & Beck, F. (2014). ATORES DE RISCO EVIDENCIADOS PELAS MAIORES EMPRESAS LISTADAS NA BM&FBOVESPA. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 3(3).
- Lima, O. O. (2005). Gestão de riscos na Agricultura Orgânica. 1º *Simposio Internacional em Gestão Ambiental e Saúde, Santo Amaro*. Disponível em: < <http://www.planetaorganico.com.br/art.odair.htm>>. Acessado em, 15 mar. 2017.
- Ministério da Agricultura, pecuária e abastecimento, (2016). Associativismo rural. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/cooperativismo-associativismo/associativismo-rural>. Acesso 18 de jun 2017.
- Neto, N. De C., Denuzi, V. S. S., Rinaldi, R. N., Staduto, J. A. R. (2010). Produção orgânica: uma potencialidade estratégica para a agricultura familiar. *Percursos-Nemo*, 73-95.
- Redin, E. (2015). Construção social de mercados: a produção orgânica nos assentamentos do Rio Grande do Sul, Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 16(1).
- Santos, J. G., & Cândido, G. A. (2013). Sustentabilidade e Agricultura Familiar: um Estudo de Caso em uma Associação de agricultores rurais/sustainably and family agriculture: a Case Study in a Rural Farmer Association. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 7(1), 69.
- Santos, C. F. D., Siqueira, E. S., Araújo, I. T. D., & Maia, Z. M. G. (2014). A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. *Ambiente & Sociedade*, 17(2), 33-52.



- Savoldi, A., & Cunha, L. A. (2010). Uma abordagem sobre a agricultura familiar, PRONAF e a moderniza3o da agricultura no sudoeste do Paran3 na d3cada de 1970. *Revista Geografar*, 5(1).
- Scharf, R. (2004). *Manual de Neg3cios Sustent3veis*. S3o Paulo, Amigos da Terra.
- Sepulcri, O. (2011). Gest3o de Risco na Agricultura. *Paran3: EMATER*. Dispon3vel em: <http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao/Premio_Extensao_Rural/2_Premio_2006/18_Gestao_Risco_Agric.pdf>. Acesso em, 15 mar. 2017.
- Tomei, P. A.; Souza, D. A. A. L. (2014). An3lise das barreiras que dificultam a transforma3o do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Estrat3gia – RIAE*. 13 (3).
- Weber, J., Morgan, A., Winck, C. A. (2016). *Empreendedorismo Rural Sustent3vel no contexto do oeste catarinense: um estudo de caso no munic3pio de Guatanbu*. IX Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e gest3o de Pequenas Empresas. Passo Fundo – RS.
- Wilkinson, J. (2013). A agricultura familiar ante o novo padr3o de competitividade do sistema agroalimentar na Am3rica Latina. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 1.agement, 9(1), 39-60.